

A autossociobiografia e a comunicação: um estudo a partir de *O acontecimento*, de Annie Ernaux¹

Tiago de Lima Eneas²

Sebastião Guilherme Albano da Costa³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

O presente estudo analisou *O acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, para explorar a possibilidade da autossociobiografia enquanto um gênero híbrido, semelhante ao jornalismo de subjetividade, noção estabelecida por Moraes (2015; 2019) para designar uma prática que admite o subjetivo enquanto elemento fundamental da profissão. Concluímos haver a possibilidade de tal hibridização, situando este tipo de segmento entre a comunicação jornalística e a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Comunicação; Subjetividade; Autoficção; Autossociobiografia.

INTRODUÇÃO

Annie Ernaux é uma escritora francesa, laureada com o Prêmio Nobel de Literatura “pela coragem e acuidade clínica por meio da qual desvela as raízes, estranhamentos e constrangimentos coletivos da memória pessoal” (TheNobelPrize, 2022, tradução nossa). A autoficção, etiqueta comumente atribuída à sua obra, remete (geralmente) a um gênero que mistura as categorias de autobiografia e ficção, unindo duas formas de escrita que, em princípio, se excluem (Figueiredo, 2010).

Ao rejeitar tal classificação, bem como qualquer elemento ficcional em sua obra (Ernaux, 2022), a escritora expõe uma preocupação não só com o que se viveu, mas com o fato em si mesmo. Há uma preocupação documental de (re)contar experiências que, muitas vezes, são angústias de classe ou de um grupo social. Ao usar “autossociobiografia” para categorizar sua produção, deixa claro sua posição quanto a indissociabilidade entre indivíduo e sociedade (Freitas, 2024).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho NE15 - Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN. Membro do Grupo de Estudos de Mídia - Análises e Pesquisa em Cultura e Processos e Produtos Midiáticos (Gemini). Email: tiago.lima.016@ufrn.edu.br

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFRN. Membro do Grupo de Estudos de Mídia - Análises e Pesquisa em Cultura e Processos e Produtos Midiáticos (Gemini). Email: albanoppgem@gmail.com

Com base em *O acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, buscamos analisar a possibilidade da autossociobiografia enquanto gênero híbrido, semelhante ao jornalismo de subjetividade, noção estabelecida por Moraes (2015) para designar uma prática que admite o sujeito enquanto elemento fundamental da profissão, ao mesmo tempo em que reconhece que, a despeito da impossibilidade de dar conta de fenômenos exteriores em sua totalidade, é preciso incorporá-lo às práticas profissionais, mormente nessa rubrica de serviço público.

O presente estudo justifica-se a partir da necessidade de compreensão ou mesmo delimitação de novas formas de transmissão de informações, transcendendo a formulação jornalística tradicional responsável por postular um lead, o uso da pirâmide invertida e exigir distanciamento daquilo que se relata em prol de uma objetividade e/ou neutralidade. Esses novos caminhos podem ser de grande valia, pois possibilitam por exemplo a representação de experiências de uma coletividade marginalizada enquanto repercussões políticas e sociais normatizadas.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa bibliográfica, método de pesquisa caracterizado, mais especificamente, como uma série de mecanismos que buscam identificar “[...] informações, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico” (Stumpf, 2005, p. 51). Para Brito, Oliveira e Silva (2021), a importância desta metodologia está ligada a descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos como saberes.

O TEXTO JORNALÍSTICO

Pena (2008, p. 23) define o jornalismo como o relato e a transmissão de informações para outros membros de uma comunidade em procura de segurança e estabilidade do conhecimento sob certas condições éticas e estéticas. O texto jornalístico surge como um modo marcado pela precisão factual, objetividade, concisão e vocabulário simples e acessível. Esse comprometimento é ressaltado por Oliveira (2020), que destaca a importância do jornalista de alertar para que a condição cidadã nunca seja relevada em prol de outros atores.

Para sistematizar conceitos e ideais que norteiam tal compromisso informativo foi elaborado o dispositivo de valor-notícia, responsável por ditar aquilo que deve ser noticiado. Traquina (2020), com base em propostas de Wolf, propõe uma divisão entre valores-notícia de seleção (que abarca aspectos substantivos e contextuais) e de construção. O primeiro tipo refere-se aos critérios empregados para decidir se uma situação deve ou não virar notícia, já o segundo se define como qualidade construcional da própria notícia, apontando o que tende a ser incluído ou ocultado no produto final.

Os critérios substantivos referidos por Traquina (2020) são: morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, infração e escândalo. No quesito contextual, há disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e o dia noticioso. Por fim, os valores-notícia de construção são: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância.

O jornalismo subjetivo de que fala Moraes (2019) questiona a primazia destes valores, já que os mesmos podem reforçar e sustentar a manutenção de hierarquias e estereótipos.

Tudo o que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Entendemos que a heterogeneidade que hoje caracteriza o jornalismo torna cada vez mais problemática a separação entre o que pode ou não ser noticiável. (Moraes, 2019, p. 211)

Uma vez que esta ocupação - bem como a comunicação - estão em constante transformação em virtude de novas dinâmicas (sejam sociais ou tecnológicas), é necessário questionar tais direcionamentos. Essa movimentação crítica, ilustrada pelo combate às dicotomias de razão/emoção e subjetividade/objetividade, permite uma compreensão mais orgânica do campo jornalístico, que passa a abarcar fenômenos que em princípio não integrariam tal esfera.

A COMUNICAÇÃO E A AUTOSSOCIOBIOGRAFIA: UMA HIBRIDIZAÇÃO POSSÍVEL

Em *O acontecimento*, Ernaux relata sua experiência ao descobrir uma gravidez inesperada. Aos 23 anos, em um período que o aborto era ilegal na França, ela reconstitui seu trajeto e expõe como interrompeu sua gravidez de maneira clandestina, evidenciando desde suas emoções até os procedimentos aos quais se submeteu. Ainda

que a publicação ocorra muitos anos após os fatos, a autora não considera isso um motivo para deixar a história enterrada, uma vez que “[...] o paradoxo de uma lei justa seja quase sempre obrigar as antigas vítimas a se calar, em nome de que “tudo isso acabou”, de maneira que o mesmo silêncio de antes encubra o que aconteceu” (Ernaux, 2022, p. 13).

Desse modo, a produção não carrega um tom puramente confessional. Hernandez (2017) diz que a obra autoral de Ernaux se articula em dois campos: de um lado, temos uma revisitação de memórias íntimas e, do outro, uma linha que expõe a convivência social com o outro. Ernaux (2022), por sua vez, também defende uma espécie de divisão para seus escritos ao dizer que a escrita tem duas formas: sob uma ótica, os textos elaborados e, em paralelo, uma atividade diarista, antiga, multiforme. A própria autora considera *O acontecimento* como um de seus textos “menos autobiográficos e mais autossociobiográficos” (Ernaux, 2022, p. 31)

Essa preocupação social é refletida durante a redação. Não escrever esse texto, para ela, seria corroborar com a perpetuação do domínio dos homens: “E, se eu não relatar essa experiência até o fim, estarei contribuindo para obscurecer a realidade das mulheres e me acomodando do lado da dominação masculina do mundo” (Ernaux, 2022, p. 29).

Quando a autora começa efetivamente a narração da vivência que culminou no aborto, cita uma passagem do Novo Larousse Universal, de 1948, a prescrever uma punição para qualquer pessoa envolvida neste ato, seja médico, parteira, farmacêutico (Ernaux, 2022). Esta informação situa não só o leitor no que concerne às leis da época, como em relação às dificuldades enfrentadas por ela como mulher e como escritora.

Ao iniciar a busca por uma clínica ou médico que facilitasse sua “empreitada”, fornece descrições sobre os espaços que frequenta. Trechos como “Segui na direção de Martainville, imaginando que, nesse bairro pobre, um tanto miserável, os médicos deveriam ser mais compreensíveis” (Ernaux, 2022, p. 21) e “Como a maioria dos consultórios médicos dos anos 1960, o do clínico geral do boulevard Yser, perto da praça Beauvoisine, parecia uma sala burguesa, com tapetes, estante com porta de vidro e uma escrivaninha estilosa...” (Ernaux, 2022, p. 22) entregam descrições não só espaciais, mas de natureza sócio-econômica (ainda que não sejam perfeitamente pontuais).

Para se referir às pessoas envolvidas em sua história, utiliza somente as iniciais: dr. N, L.B., residência dos B., etc. (cf. Ernaux, 2022, p. 14). Conforme aponta, tal ausência decorre precisamente por estar lidando com pessoas de verdade e não com seres fictícios (Ernaux, 2022).

Considerando os critérios noticiosos previamente estabelecidos, vemos que *O acontecimento* cumpre alguns: a relevância (por alertar para problemas quanto ao papel da mulher e a falta de segurança médica), a notabilidade (a problemática do aborto clandestino, algo que hodiernamente ainda acontece), infração (pelo texto ser, de fato, a "confissão" de algo fora da lei) etc. O que ocorre, entretanto, não é a tirania destas "regras" sobre os fatos. Por isso, é importante saber que objetividade e subjetividade como valores absolutos não podem ser extraídos da produção noticiosa, uma vez que estão imbricadas (Moraes, 2015).

O compromisso documental, a preocupação com os "personagens", a verossimilhança e a publicização intencional deste tipo de relato gera um questionamento: em qual posição situaríamos um afã categorizante (a autossociobiografia) que rejeita a ficção e traz uma roupagem poética de uma perspectiva estilística?

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Ao refletir sobre *O acontecimento*, enxergamos que há possibilidade de encarmos a autossociobiografia enquanto um gênero que se situa entre a comunicação social (mais próximo de um jornalismo de subjetividade) e a literatura, permissiva à invenção. É uma categoria que, com efeito, não pode ser assimilada como autoficção. Afinal, o "ficcionalizar", nesses casos, não se referem à matéria: Ernaux, por exemplo, não toma qualquer liberdade criativa (*i.e.*, de inserir o que não existiu) sobre o que sucedeu, seja em relação a si própria ou ao contexto em que tudo aconteceu.

Exemplificamos, neste resumo, como essa hibridização pode ser vislumbrada no próprio cumprimento de parâmetros há muito consolidados no jornalismo, como os valores-notícia. Essa correlação, todavia, não é o único critério explicativo, mas integra um conjunto maior que abarca ainda o caráter documental do escrito e a preocupação com o factual desde sua concepção.

REFERÊNCIAS

Brito, Ana Paula Gonçalves; Oliveira, Guilherme Saramago de; Silva; Brunna Alves da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação, v. 20 n. 44 (2021): Cadernos da Fucamp. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

Ernaux, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. São Paulo: Fósforo, 2022.

Ernaux, Annie. **O acontecimento**. São Paulo: Fósforo, 2022.

Freitas, Gabriela Seguesse. A escrita autobiográfica de Annie Ernaux: uma análise das memórias em O acontecimento. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, Volume 24, n. 2. 2024. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/14789>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

Hernández, Ángeles Sánchez. L’auto-socio-biographie d’Annie Ernaux, un genre à l’écart. Anales de Filología Francesa. 2017. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesff/article/view/31587>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

Moraes, Fabiana. **O nascimento de Joicy**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

Moraes, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Revista Extraprensa, 12(2), 204-219. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153247>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

Nobel Prize. Annie Ernaux - Facts. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2022/ernaux/facts/>. Acesso em: 02 de maio de 2025. Acesso em: 02 de maio de 2025.

Stumpf, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas SA, 2005. p. 51-61.

Traquina, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Volume II**: A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular Livros, 2020.